



O método goethiano e o Jornalismo Literário: uma proposta metodológica para a construção de narrativas

José Eugenio de O. Menezes
e Monica Martínez

Resumo: Após 200 anos, a comunidade científica está redescobrimdo os estudos científicos do escritor Johann Wolfgang von Goethe, mais conhecido por suas obras literárias, como Fausto. O método fenomenológico goethiano é uma abordagem científica qualitativa que permite uma abordagem integral da realidade, caminho desejável para a pesquisa e a prática jornalísticas mais aprofundadas, caso do Jornalismo Literário. O objetivo desse trabalho é analisar três de seus elementos principais. O primeiro é a relação objeto-observador, visto que para o método ambos constituem parte integrante e uma do fenômeno. O segundo é o juízo contemplativo, isto é, a observação do fenômeno de forma continuada ao longo do tempo, de onde emerge seu terceiro elemento, a compreensão da totalidade, visto que esta estratégia está atenta às transformações inerentes ao processo.

Palavras-chave: Metodologia - Método Fenomenológico Goetheano- Jornalismo Literário.

Abstract: After two hundred years, the scientific community is rediscovering Johann Wolfgang von Goethe's scientific research, since the author is better known for his literary work such as Fausto. The Goethean phenomenological method is a qualitative scientific proposal which allows a deeper approach to the phenomena, a desirable way to fulfill Journalism research and practice, as it happens in Literary Journalism. The aim of this paper is to analyze three of its main subjects. The first one is the relationship between object-observer, since according to this method both are an integrated part of the phenomena. The second is the contemplative ability, meaning of the phenomena observation through long periods of time, from which emerges its third element, the understanding of whole reality because this strategy is aware of the intrinsic transformation of the scientific process.

Key words: Methodology - Goethean phenomenological method - Literary Journalism.

Resumen: Docientos años después, la comunidad científica está redescubriendo los estudios científicos del escritor Johann Wolfgang von Goethe, más conocido por sus obras literarias, como el Fausto. El método fenomenológico goethiano es un abordaje científico cualitativo que permite una apreensión integral de la realidad, senda deseable para la investigación y la práctica periodísticas de mayor profundidad, como es el caso del Periodismo Literario. El objetivo de este trabajo es analizar tres de sus principales elementos. El primero es la relación objeto-observador, ya que para el método ambos constituyen parte integrante e inseparable del fenómeno. El segundo es el juicio contemplativo, es decir, la observación del fenómeno de forma continuada a lo largo del tiempo, de donde emerge su tercer elemento, la comprensión de la totalidad, pues esta estrategia está atenta a las transformaciones inherentes al proceso.

Palabras clave: Metodología - Método Fenomenológico Goethiano - Periodismo Literario

José Eugenio de Oliveira Menezes é doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP e docente de Teoria da Comunicação e Metodologia de Pesquisa da Faculdade Cásper Líbero (graduação e mestrado). *e-mail:* jeomenenezes@facasper.com.br

Monica Martínez é doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, professora do Programa de Pós-Graduação da Academia Brasileira de Jornalismo Literário e titular da disciplina de Jornalismo Literário do UniFIAMFAAM Centro. *e-mail:* martinez.monica@uol.com.br

“E o ente uno, eterno e universal
entrou num turbilhão infinito,
sempre transformado, sempre duradouro”
Goethe, Satyros

A questão da transdisciplinaridade com suas características principais de rigor,¹ abertura e tolerância é objeto de estudo dos cientistas sociais especialmente nas duas últimas décadas, sobretudo desde que Lima de Freitas, Edgar Morin e Basarab Nicolescu propuseram a *Carta de Transdisciplinaridade* aos participantes do Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, realizado no convento de Arrábida, Portugal, em 6 de novembro de 1994.²

O documento, que destaca a transdisciplinaridade como multireferencial e multidimensional, critica a visão reducionista do ser; reconhece diferentes níveis de realidade; coloca-se como complementar a abordagem disciplinar; aposta na abertura para o diálogo e a reconciliação, não apenas com as ciências humanas, mas com outras áreas do conhecimento como mitos, religiões, arte, literatura, poesia e a experiência; e reavalia o papel da intuição, do imaginário, da sensibilidade e do corpo na geração do conhecimento, entre outros pontos. Em especial, propõe um novo olhar sobre a objetividade, chamando a atenção para a exclusão do sujeito, que leva ao empobrecimento da percepção da realidade (NICOLESCU, 1999).

1 Essa e as demais traduções desse artigo foram feitas de forma livre pelos autores a partir do original em inglês.

2 Para o aprofundamento da questão indicamos os nomes completos e período em que viveram os filósofos citados: Immanuel Kant – 1724-1804, Georg Wilhelm Friedrich Hegel – 1770-1831 e Johann Gottlieb Fichte – 1762-1814.

Seu terceiro artigo propõe que:

A transdisciplinaridade [...] faz emergir do confronto das disciplinas novos dados que se articulam entre si; e ela nos oferece uma nova visão da Natureza e da Realidade. A transdisciplinaridade não busca o domínio de várias disciplinas, mas a abertura de todas elas àquilo que as atravessa e as ultrapassa (NICOLESCU, 1999: 148).

Apesar de o conceito estar estabelecido

desde o final do século passado, o fato é que ainda há um abismo entre a perspectiva transdisciplinar e a prática jornalística. Evidentemente, dentro de uma postura não simplista e ancorada no pensamento complexo (MORIN e LE MOIGNE, 2000) há vários motivos que, ao longo desse tempo, não permitiram que a transdisciplinaridade fosse compreendida de forma mais ampla e rápida pelos docentes e alunos, bem como pelos jornalistas e seus públicos.

Para citar apenas duas hipóteses, o que pode se verificar na prática é que parte do corpo docente das instituições de ensino superior de jornalismo não incorporou a transdisciplinaridade ao seu arcabouço conceitual, seja por desconhecimento alguns são formados há mais de duas décadas, entraram diretamente no mercado e não se reciclaram seja por não ter afinidade intelectual com o conceito.

Ainda assim, a questão de a transdisciplinaridade não ter se tornado ainda um importante princípio da comunidade jornalística não é propriamente um problema, visto que o diálogo entre pares com visões de mundo diferentes é saudável e a coexistência pacífica entre olhares diferentes é parte integrante desse contexto epistemológico. A nosso ver, obstáculo maior que a multiplicidade de visões contemporâneas é a falta de métodos concretos que permitam ao docente e, por extensão, ao profissional, testar formas de observação longas e aprofundadas da realidade que permitam a elaboração de relatos capazes de compreendê-la em seus, por vezes, infinitos significados.

As múltiplas faces da realidade

É sabido que não basta mais pedir para alunos e jornalistas ouvirem os dois lados ou pelo menos duas versões de um fato. Mas que outra

ferramenta o docente ou profissional tem em mãos para captar uma realidade não apenas complexa, mas também em constante mutação? De um lado, teorias jornalísticas abstratas e complexas por vezes não dão conta de ajudar a compreender realidades singelas e, aplicadas ao campo da produção textual jornalística, são carentes de vida inerente a toda realidade.

Por outro lado, muitas reportagens contemporâneas, aparentemente com conteúdo vivo e apuração extensa, carecem de diretrizes narrativas que permitem a ampla compreensão do conteúdo analisado. Além disso, e apesar de abordar os assuntos com todos seus pormenores aparentes, não conseguem explicar o que de fato está acontecendo e, por vezes, ainda causam o risco de confundir devido aos detalhes desnecessários e não significativos empregados em sua construção.

Em busca de alternativas capazes de produzir um texto com lógica e emoção, uma volta ao passado possibilita resgatar métodos qualitativos mais inclusivos, como o desenvolvido por Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832). Mais conhecido pela sua produção literária, o autor de *Fausto* e *Os Sofrimentos do Jovem Werther* dedicou-se também a estudos de anatomia, física e botânica.

O estilo de vida e pensamento de Goethe ilustra bem o impasse dos intelectuais europeus no final do século dezoito e início do dezenove, marcado por acontecimentos como a Revolução Francesa (1789) e posterior formação da República (1792), bem como a ascensão napoleônica, cujo Império instaurado em 1804 alterou a estrutura sociopolítica européia (REALE, 1991:14).

A sucessão de eventos do período abala as convicções iluministas da elite européia, que desde 1770 já manifestava inquietações. O resultado é a

criação de movimentos como o alemão *Sturm und Drang* (Tempestade e Impulso), cujo nome inspira-se no drama escrito por um de seus expoentes, Friedrich Klinger. Em oposição à racionalidade do Século das Luzes, o movimento pregava a valorização das emoções e dos sentimentos.

Surge a proposta de revalorização das forças da vida, em particular da Natureza e do seu gênio criador ou gênios, visto a abertura ao panteísmo. É interessante notar que, em contraposição à noção de divindade como intelecto ou razão suprema inerente ao iluminismo, esse ser que dá forma ao mundo natural é entendido como uma força originária não personificada (REALE, 1991:14), conceito próximo das mitologias orientais (CAMPBELL, 2003).

O *Sturm und Drang* é um precursor do romantismo, movimento artístico-filosófico que renova a produção poética e literária da época com seus ideais humanistas. Se o século dezoito havia sido dominado pela objetividade e pela razão, o dezenove seria definido pela subjetividade e pela emoção, marcando a volta do Eu ao centro do palco.

Goethe é um dos mais conhecidos senão o maior participante do movimento. Tanto que sua principal produção literária escrita na juventude, *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, de 1774, tem como tema o amor impossível do protagonista e teria influenciado significativamente os jovens da época, tendo até provocado alguns suicídios. O sucesso da obra faz com que seu jovem autor, então com vinte e cinco anos, seja convidado a trabalhar na corte de Weimar, onde trava contato com outros jovens promissores e encontra campo fértil para desenvolver seu interesse pelas ciências naturais.

Para melhor observarmos o cenário intelectual onde Goethe desenvolve suas pesquisas pre-

3 Após estudar bioquímica em Cambridge, Rupert Sheldrake fez seu doutorado em filosofia em Harvard. Considera que a informação não se processa por ondas ou partículas, como observam os físicos, mas por campos morfogenéticos.

cisamos compreender as perspectivas imediatamente anteriores. No século dezessete pensadores como Descartes propunham a objetividade como forma de compreensão da realidade com conseqüente desconsideração dos sentimentos e *insights* do observador. Desde então, a comunidade científica “previa a separação do observador do objeto, de forma que suas qualidades não influenciassem o conhecimento ganho do experimento³” (GOODWIN, 2006: 54).

Literatura e artes eram importantes como expressões subjetivas da experiência humana, mas não como revelações objetivas da realidade. Além disto, o procedimento científico tem demonstrado funcionar excessivamente bem. Ele triunfa em explicar trajetórias de balas de canhão e os movimentos de planetas, em estudar química, eletricidade e magnetismo, bem como inumeráveis outros aspectos do mundo natural, demonstrando além de qualquer dúvida que a ciência nos provê com conhecimento altamente útil e confiável sobre a Natureza (GOODWIN, 2006: 54).

Nesse contexto, talvez apenas um jovem autor do século dezoito que transitasse pelos dois mundos, o da arte com sua visão pessoal e interiorizada e o da ciência com sua visão objetiva e exteriorizada como Goethe pudesse vislumbrar questionamentos que o levassem a propor um método que contemplasse ambas as perspectivas. No que ele é auxiliado pelo ambiente da corte de Weimar, próxima à cidade universitária de Jena, que desperta seu interesse por geologia, botânica e anatomia:

Goethe, estimulado pelo fermento cheio de vida que marcava a Europa, começou a desenvolver suas pesquisas sobre física e biologia. Na época surgiam estudos sobre a relação entre anatomia humana e as formas de animais e plantas; as idéias se moviam em direção à evolução e aos reais processos de transformação das espécies ao longo dos períodos geológicos (GOODWIN, 2006: 54).

No prefácio do livro *A Metamorfose das Plantas*, que Goethe escreveu em 1790, o professor brasileiro Günter Kollert nos ajuda a compreender a conjuntura histórica⁴:

Na época em que viveu Goethe, o desenvolvimento da teoria do conhecimento, como mera doutrina do ato de pensar, deduzir e julgar atingira seu máximo grau: para Kant e seus discípulos, era e continua a ser a percepção para o conhecimento, o mesmo que na Idade Média era a Filosofia para a Teologia: uma servidora. O que antigamente era a *philosophia ancilla theologiae* pode-se dizer que, para o kantianismo, era a *perceptio ancilla cogitationis*. Essa unilateralidade não ficou sem castigo: como uma reação natural, o empirismo e o positivismo fizeram desaparecer toda a confiança no pensamento. Goethe, no entanto, não era um empirista ou positivista, mas sim um 'sensorialista' convicto. Em *A obra científica de Goethe*, Rudolf Steiner, demonstra que Goethe, completando as 'teorias do pensamento' dos idealistas Hegel e Fichte por meio de uma 'teoria da percepção' inerente à sua criatividade, porém ainda não formulada explicitamente, abriu caminho para uma teoria do conhecimento ou gnoseologia como uma síntese do pensamento e da percepção (GOETHE, 2005: 4 e 5).

Para compreensão do método goetheano, urge destacar duas questões. A primeira é a sugerida por Goodwin, que enfatiza a importância da visão do artista na concepção de mundo:

Em seus estudos, Goethe trouxe à observação da forma natural o coração e o olho do poeta, permitindo que sua intuição falasse a ele sobre a transformação que ele via acontecer. Ele prestava muita atenção aos processos segundo o qual folhas ou estruturas anatômicas se tornavam uma planta ou o embrião de um animal, e os experimentava em sua totalidade dinâmica e em suas relações. Nesse e em seu estudo sobre as cores ele se tornou convencido que estava levando a ciência a uma nova e significativa direção. Isso conduziu sua convicção de que os métodos científicos eram mais importantes do que qualquer coisa que ele tivesse feito na literatura, incluindo as inovações radicais no romance e na poesia (GOODWIN, 2006, p. 54).

No ensaio denominado *Feliz Acontecimento*, que consta da edição brasileira do livro *Metamorfose das Plantas*, Goethe reflete sobre seu método e a dificuldade em lidar com a visão científica dominante ao relatar sua amizade com o escritor, poeta e dramaturgo alemão Johann Friedrich von Schiller (1759-1805):

Eu retruquei que (...) poderia existir um outro modo de considerar a natureza, não em seus aspectos isolados e

fragmentários, mas como coisa atuante e vivente, procurando-se apresentá-la em sua totalidade que se esforça por evidenciar-se em suas várias partes (GOETHE, 2005: 8).

O filósofo austríaco Rudolf Steiner talvez tenha sido o maior estudioso do naturalista Goethe. Em 1883, recomendado por seu então professor da Escola Politécnica de Viena, K. J. Schröer, Steiner foi convidado por Joseph Kürschner para editar as obras científicas de Goethe como parte da coleção *Deutsche Nationalliteratur*, acrescentando-lhes introduções e notas explicativas. Graças a esse trabalho, o método goetheano se tornaria mais explícito.

No capítulo VI de sua autobiografia, *Mein Lebensgang* (Minha Vida), Steiner explica a concepção da obra:

Schröer, que tinha assumido para essa coleção os dramas de Goethe, deveria escrever um prefácio introdutório para o primeiro dos volumes a meu cargo. Naquele prefácio explicou a posição de Goethe como poeta e pensador, dentro da vida cultural moderna. Via na maneira de considerar o mundo, desenvolvida pela era cientificista posterior a Goethe, uma queda em relação à altura espiritual em que Goethe se tinha colocado. Estava minuciosamente caracterizada nesse prefácio a tarefa da qual eu estava incumbido, editando as obras científicas de Goethe. Essa tarefa incluía, para mim, uma discussão com a ciência natural, de um lado, e com toda a cosmovisão goethiana, de outro. Cabia-me levar a um certo termo tudo que, em matéria de cosmovisão, eu tinha conquistado, já que devia apresentar a discussão em público... (STEINER, 1984: 11).

O filósofo austríaco prossegue na explicação da cosmovisão goethiana, que entende o universo todo como um ser vivo, antecipando-se a autores como o físico James Lovelock, idealizador da Teoria Gaia:

A maneira de pensar predominante das ciências naturais, desde o início de sua grande influência sobre a civilização do séc. XIX, parecia-me imprópria para se chegar a uma compreensão do que Goethe, em matéria de cognição da natureza, tinha almejado e também alcançado, em alto grau.

Eu via em Goethe uma personalidade capaz

de integrar, de forma justa, o conhecimento da natureza no contexto global da atividade criadora humana, graças ao relacionamento que condizia com a realidade espiritual. A maneira de pensar na época em que nasci parecia-me apenas apta para desenvolver idéias acerca do mundo inorgânico; julgava-a impotente para abordar, com suas capacidades cognitivas, o mundo orgânico. Disse para mim mesmo que se devia dar vida aos conceitos intelectuais próprios para a natureza inorgânica a fim de alcançar idéias capazes de proporcionar um conhecimento do mundo orgânico; pois aqueles me pareciam mortos e, por isso, apenas apropriados para captar o inanimado.

Para chegar a uma explicação da visão de Goethe sobre a natureza, procurei expor *a maneira* como as idéias se vivificaram em Goethe, vindo a ser *configurações ideativas*.

Ao lado da descoberta central que fui levado a atribuir a Goethe, seus pensamentos isolados, concebidos e conquistados neste ou naquele campo do conhecimento da natureza, pareciam-me possuir relevância menor. Sua descoberta central, a meu ver, foi a maneira como se deve pensar a respeito do orgânico para compreender-lhe a essência” (STEINER, 1984: 11).

Por essência, Steiner deixa clara que a importância das pesquisas de Goethe, feitas a princípio sobre a metamorfose das plantas, é destacar não as partes, mas o “todo vivo constituído por leis formativas que se interpenetram, edifício que delas resulta e que determina os detalhes, os vários graus de evolução” (STEINER, 1984:13).

A imponência dessa idéia que Goethe procurou em seguida estender também ao reino animal só se nos revela quando procuramos torná-la viva em nossa mente, repensando-a. Percebemos então que é a essência do

vegetal transformada em *idéia*, e que esta vive em nossa mente tal como o faz no objeto. Percebemos também que concebemos um organismo como sendo cheio de vitalidade em suas menores partes, não como um objeto morto e definido, mas sim como algo que evolui, que se desenvolve, como a constante intranqüilidade em si (STEINER, 1984: 13).

Esse ponto precisamente define o primeiro elemento de discussão proposto por essa pesquisa: a relação entre objeto e observador, pois para o método goetheano não há exatamente uma separação entre o observador e o fenômeno, numa antecipação ao que a física quântica proporia apenas na primeira metade do século vinte:

Normalmente não notamos que nossos pressupostos afetam a natureza de nossas observações. Mas eles influenciam o modo como vemos as coisas, a maneira como as experienciamos e, em consequência, o que queremos fazer. De certa forma, vemos *através* dos nossos pressupostos como se eles fossem um filtro. Num certo sentido eles podem ser considerados um observador. O significado da palavra 'observar' pode ser obtido definindo 'observação' como 'colher com o olho', e 'ouvir' como 'escolher com o ouvido'. Quando estamos numa sala, tudo é colhido junto e chega às pupilas dos olhos, à retina e ao cérebro; ou também pode vir pelos ouvidos. É o observador quem colhe: ele seleciona e reúne as observações/informações importantes e as organiza sob a forma de significados e imagens. Essa seleção é feita pelos pressupostos do pensamento. De acordo com o que pressupormos, coletaremos certas informações como importantes e as reuniremos de um determinado modo, segundo uma determinada estrutura. Portanto, os pressupostos funcionam como uma espécie de observador. Quando observamos, esquecemo-nos disso. Olhamos sem levar em conta esse fato. Mas esse 'observador' afeta profundamente o que é observado e a recíproca é verdadeira na realidade a separação entre eles é mínima (BOHM, 2005:128-129).

A cosmovisão goethiana trabalha muito a questão da unidade visualizada pelos físicos contemporâneos. Em contraposição à visão aristotélica dominante, ele resgata o princípio fundamental da *idéia*. Em botânica, por exemplo, Goethe respeita o exemplar, mas entende que todas as plantas derivam de uma *idéia* universal de planta, antecipando nesse sentido o conceito de arquétipo junguiano (JUNG,

2000) e, por extensão, o de mito enquanto uma história viva e sagrada (CAMPBELL, 1990).

Na prática, voltando agora nossa atenção para o jornalismo contemporâneo, durante uma reportagem a abordagem goethiana demandaria ao jornalista entender que, apesar da roupagem cultural, o fenômeno que se desenrola à sua frente tem características universais.

A compreensão em ambas dimensões, a saber interna e externa do fenômeno, sugere uma abertura à transcendência que o intelecto sozinho é incapaz de propiciar. Trata-se do que Goethe chamou de juízo contemplativo, o segundo elemento de análise desse estudo. Essa abordagem contemplativa e não intervencionista como forma de percepção da realidade é típica das culturas orientais, como a indiana e chinesa, que vê uma unidade subjacente a todas as formas vivas (CAMPBELL, 2003). Nas palavras de Steiner:

A relação entre os vários membros do todo observado [...] não se manifesta concretamente dentro do nosso intelecto, mas no próprio objeto [...]. Aí o concreto não tem apenas a função de uma soma, de algo que aglutina e possui seu objeto *fora de si*; ao contrário, tornou-se *uno* com este. O que contemplamos não é mais diferente daquilo por meio do qual pensamos: contemplamos o próprio conceito como idéia. Por esse motivo, Goethe denomina a capacidade de se compreender a natureza orgânica de *juízo contemplativo*. Há identidade entre o que explica o elemento formal da cognição, o conceito e o que é explicado o elemento material, a observação (STEINER, 1982: 53).

A abordagem contemplativa também demanda tempo para se notar de forma profunda e detalhada as transformações que ocorrem no fenômeno no tempo e no espaço, nosso terceiro elemento de análise. Essa perspectiva ocorreu a Goethe por meio dos estudos do reino vegetal e animal. Nas plantas, o escritor alemão acompanhava a evolução da semente à árvore adulta, permitindo perceber de

que maneira uma forma se metamorfoseava gradualmente em outra, sem perder a noção de unidade entre as fases. Para ele, esse processo tinha como fio condutor a idéia ou estrutura formativa original da planta, como o biólogo inglês contemporâneo Rupert Sheldrake⁵ defenderia mais tarde por meio da teoria dos campos morfogenéticos (SHELDRAKE, 1993).

Esses três elementos da teoria goethiana são essenciais para se trabalhar formas mais elaboradas do Jornalismo Literário, como as narrativas de transformação propostas pelo pesquisador brasileiro Edvaldo Pereira Lima, com sua forma de fazer jornalismo que não se reduz a um relato passivo da realidade:

mas que percebe o eclodir de tendências e probabilidades, que acompanha a gestação de visões inovadoras, que sai do lugar-comum, que focaliza uma visão complexa, buscando uma compreensão ampla, ajudando o ser humano a encontrar novos significados, auxiliando-o a ampliar seu grau de consciência de si mesmo, do outro, da existência (LIMA, 2007).

Essa teoria goethiana da transformação, de que a realidade é melhor compreendida ao ser observada ao longo do tempo, é uma das pedras fundamentais da antroposofia, cujos principais expoentes contemporâneos são o método pedagógico Waldorf, a medicina antroposófica e o cultivo biodinâmico. Na pedagogia, um elemento interessante é a condução das turmas da primeira à oitava série por uma professora de classe, que em oito anos tem uma visão aprofundada das necessidades de cada criança, permitindo oferecer um sistema de educação praticamente personalizado.

Talvez o mais instigante do método é que não se trata, como ocorre nas coberturas contemporâneas, de buscar novos fatos de forma apressada e superficial, como manda o jornalismo convencional

no melhor sistema *fast information*. Ao contrário. Esse método de compreensão da realidade sugere um olhar atento, feito com profundidade, que ao combinar a capacidade intuitiva à analítica, permita revelar o novo no aparentemente comum. Mas é preciso certos cuidados ao empregá-lo, como sugere Steiner:

Rechaçar o pensar e insistir na experiência sensorial nada é, em última análise, senão praticar a crença cega na revelação, característica das religiões [...] A ciência baseada na experiência esquece uma coisa. Milhares de pessoas viram um fato sensorial e passaram ao lado sem notar qualquer coisa de especial até que um indivíduo o percebesse e através dele constatasse uma lei importante. De onde vem isso? Obviamente da circunstância de que o descobridor sabia olhar de modo diferente de seus antecessores. Viu o fato com outros olhos do que seus pares. Enquanto olhava, tinha um pensamento peculiar sobre a maneira de se relacionar o fato com outros e sobre o fato de aquilo ter, ou não, importância para ele. Foi através do pensar que interpretou a situação, vendo mais do que os outros (STEINER, 1982: 74).

O próprio Goethe tinha a mesma opinião. Aos 38 anos ele faleceria apenas aos 83, o idealizador do método defendia essa abordagem:

Em 18 de agosto de 1787 Goethe escreveu da Itália a Knebel: 'Depois do que vi de plantas e peixes em Nápoles e na Sicília, eu estaria tentado a fazer, se tivesse dez anos a menos, uma viagem à Índia, *não para descobrir algo novo, mas para contemplar as coisas descobertas a meu modo.*' [WA 8/250] (STEINER, 1984: 13).

Steiner vê nessas palavras o ponto de vista sobre o qual a obra científica de Goethe deve ser estudada:

Com ele, nunca se trata de descoberta de fatos novos, mas de abertura de um *novo ponto de vista*, de uma maneira bem definida de enfocar a natureza. É verdade que Goethe fez uma série de importantes descobertas isoladas, como aquelas do osso intermaxilar [...]. Mas devemos discernir, como alma viva de todos esses detalhes, uma sublime visão da natureza [...]. Só nos damos conta disso ao compreendermos o organismo, pois os detalhes, considerados isoladamente, não contêm em si o princípio de sua própria explicação. Só podem ser explicados pela natureza do todo porque é o *tudo* que lhes dá essência e significado (STEINER, 1984: 12).

Fausto, a obra-prima de Goethe, talvez seja o

Bibliografia

ARANTES, José Tadeu. **O pensamento científico de Goethe**. Disponível em: <<http://www.sab.org.br/goethe/cient.htm>>. Acesso em: 14 mar. 2007.

BOHM, David. **Diálogo - comunicação e redes de convivência**. São Paulo: Palas Athena, 2005.

CAMPBELL, Joseph. **Myths of Light- eastern metaphors of the eternal**. Califórnia: New World Library, 2003.

_____. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

GOODWIN, Brian. *Johann Wolfgang von Goethe. Resurgence*. London, n° 237, p.54-55, July/August 2006.

GOETHE, J. W. von. **A metamorfose das plantas**. São Paulo: Antroposófica, 2005.

_____. **Fausto**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas-o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri: Manole, 2003.

_____. **Narrativas de transformação**. Disponível em: <<http://www.textovivo>

com.br/edvtt04.htm>. Acesso em: 1 jul. 2007.

MARTINEZ, Monica. **Jornada do Herói: estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo**. São Paulo: Annablume, 2007.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia – dos pré-socráticos à Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MENEZES, José Eugenio de Oliveira. **Rádio e Cidade. Vínculos Sonoros**. São Paulo: Annablume, 2007.

MORIN, Edgar e LE MOIGNE, Jean-Louis. **A Inteligência da Complexidade**. São Paulo: Petrópolis, 2000.

NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999.

PEREIRA, Ana Luisa Ventura Vieira. "Dos outros, nós próprios: uma proposta de introdução das literaturas dos oito países de língua portuguesa no ensino de português do ensino fundamental Waldorf e o seu impacto na formação da criança e do jovem". São Paulo: FFLCH/USP, 2004.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia—do romantismo até nossos dias**. São Paulo: Paulus, 1991.v. 3.

SHELDRAKE, Rupert. **O renascimento da natureza - o reflorescimento da ciência e de Deus**. São Paulo: Cultrix, 1993.

SIMS, Norman e KRAMER, Mark. **Literary Journalism**. New York: Ballentine Books, 1995.

STEINER, Rudolf. **A obra científica de Goethe**. São Paulo, Antroposófica, 1984.

WELBURN, Andrew. **A filosofia de Rudolf Steiner e a crise do pensamento contemporâneo**. São Paulo: Madras, 2005.

melhor exemplo de um projeto que foi cozido em fogo lento para chegar à perfeição. A primeira versão foi esboçada em 1775, a segunda dezesseis anos depois, em 1791, mas a obra só seria publicada em 1806, trinta e um anos após principiada. Uma segunda parte escrita seria lançada em 1832, quase 60 anos depois do esboço inicial. Inspirado em uma lenda alemã, o livro trata da história do médico alemão Dr. Johannes Georg Faust (1480-1540), que teria feito um pacto com Mefistófeles para satisfazer seus desejos de ter e saber (GOETHE, 1981).

Esse *paper* evidentemente tem como objetivo expor um possível caminho, que não é apresentado como único nem como o mais perfeito. Seu próprio idealizador, Goethe, nos ajuda a compreender:

E qual indivíduo capaz de dizer que, cientificamente, anda sempre a perambular na região superior da consciência, onde se observam as coisas exteriores com a máxima ponderação, com uma atenção tão penetrante quanto calma, onde ao mesmo tempo se faz reinar em seu íntimo, em circunspeção sagaz, com modesta prudência, na paciente esperança de uma concepção filosófica verdadeiramente pura e harmoniosa? Acaso não se nos turva o mundo, acaso não nos turbamos a nós mesmos nesses momentos? No entanto, não nos é vedado nutrir pios desejos, procurar uma aproximação carinhosa do inatingível (GOETHE, 2005: 9).

Não há dúvida, no entanto, de que experimentos com o método goethenístico podem ser bastante válidos no escopo das pesquisas e produções textuais de fôlego, que pretendem um mergulho vivificador no humano e no real para tecer obras de não ficção envolventes e criativas, sem abrir mão, evidentemente, da precisão de dados e informações, da voz autoral e de estilo, bem como uso de símbolos e metáforas, conjunto que forma os sete pilares básicos que enriquecem as narrativas em Jornalismo Literário (SIMS, 1995).